

## REELABORANDO EXPECTATIVAS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE MIGRANTES EM ITABUNA-BA

Priscila Santos da Glória  
Mestranda em História Regional e Local - UNEB

*Eu vim realmente pra vê se eu melhorava de vida (SANTOS,2009)*

### I- Introdução

Este artigo busca contribuir com a renovação da historiografia regional do sul da Bahia, problematizando as trajetórias dos migrantes que chegaram a Itabuna na década de 1980, os desejos e sonhos presentes em suas memórias. Como a narrativa citada acima do migrante seu Talmon que deixou a zona rural e buscou na cidade de Itabuna melhores condições de vida.

Sujeitos como seu Talmon foram relegados pela historiografia regional composta, sobretudo por obras memorialísticas e estudos a cerca da elite cacauzeira. É imprescindível uma re-elaboração historiográfica “para não perpetuarmos visões de um passado mistificado, com acontecimentos cristalizados” (FENELON, 1992, p. 6) colocando no centro da análise histórica os subalternos (PESAVENTO, 1994, p. 11).

As narrativas dos migrantes ampliaram as perspectivas sob os processos migratórios na cidade de Itabuna, o que contribuiu para a desconstrução do modelo homogêneo que reduzia a migração ao contexto da crise cacauzeira<sup>1</sup>. Segundo Paul Thompson, “a história oral possibilita novas versões da história” (1992, p.18), e neste estudo em específico esta metodologia enfatizou as trajetórias e memórias dos sujeitos. Foi possível então dar visibilidade às crenças e os desejos dos migrantes, ou como afirma Alessandro Porteli: “fontes orais contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (1997, p. 31).

As narrativas dos migrantes expõem esta relação entre as diferentes temporalidades, passado-presente-futuro, a qual não aparece organizada cronologicamente nas entrevistas. Estes marcos temporais estão presentes nas memórias

---

<sup>1</sup> O estudo de Lurdes Rocha que analisou a crise cacauzeira enquanto um fenômeno reduzindo as circunstâncias da migração na década de 1980 ao desemprego causado pela crise cacauzeira. (2006)

e são carregados de significados, graças a “capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos” (AMADO, 1995, p. 132).

Pierre Nora ressalta que “a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos (...) está em permanente mudança, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento” (1993, p. 9). Dessa forma este artigo busca utilizar a recordação e o esquecimento como recursos para delinear as expectativas dos trabalhadores rurais ao migrarem para a cidade de Itabuna.

## **II- O trabalho nas lavouras cacauceiras: “vida humilde de quem trabalha nas roças dos outros”<sup>2</sup>**

A historiografia regional por muito tempo silenciou a história dos trabalhadores da região cacauceira<sup>3</sup>, porém pesquisas recentes de graduação e pós-graduação<sup>4</sup> veem construindo análises e problemáticas sobre as vivências, trajetórias e estratégias destes trabalhadores da região sul da Bahia que “foram excluídos ou marginalizados em narrativas históricas anteriores” (THONSON, 1998, p. 73).

A cidade de Itabuna está localizada no sul da Bahia, região que se tornou conhecida pelo cultivo do “fruto de ouro” (FREITAS; PARAISO, 2001, p.111), o cacau, que despontou no final do século XIX como principal produto exportável do estado, ultrapassando o comércio de fumo (ROCHA, 2006, p. 87). Neste contexto a região atraiu migrantes de toda parte do país, e até mesmo de outros países, “do mesmo passo que as plantações de cacau cresciam, as correntes migratórias se polarizavam e o povoamento só foi aumentando” (SANTOS, 1955, p. 45). Os primeiros migrantes desejavam possuir “terras virgens e ricas” (FREITAS; PARAISO, 2001, p. 85) e conseguiram efetivar os seus desejos formando grandes propriedades cacauicultoras, estes foram retratados pela escrita memorialística como os “desbravadores da região sul que lutaram contra epidemias, feras e índios selvagens” (SILVEIRA, 2002, p. 10), os

---

<sup>2</sup> Talmon Soares Santos, entrevistado em 30 de agosto de 2009.

<sup>3</sup> Obras que se limitaram a análise da elite cacauceira e mais especificamente a cidade de Ilhéus: (FREITAS; PARAISO, 2001); (RIBEIRO, 2001).

<sup>4</sup> É importante citar as dissertações de (CARVALHO, 2009; (LINS, 2007) e a monografia de (SOUSA, 2007).

quais ao lado dos descendentes dos colonizadores constituíram o poder local desta região.

Outros migrantes advindos do nordeste e de outras regiões da Bahia chegaram ao sul da Bahia no final do século XIX, buscando terras inexploradas, “iludidos” por propagandas do governo que visavam “atrair um grande contingente populacional e atender aos interesses dos grandes proprietários rurais já existentes, que tinham dificuldades com a falta de braços para trabalhar na expansão da lavoura” (LINS, 2007, p. 37). Segundo Marcelo Lins estas propagandas eram estratégias das elites, apoiados pelo poder estatal, para fortalecer as relações de dominação.

Pensar a região sul da Bahia enquanto um espaço é perceber que esta delimitação vai além das divisões políticas e econômicas, pois “a região configura-se como o espaço localizado de realização e controle de poder” (PESAVENTO, 1990, p. 69) e nesta região se estabeleceu o poder local dos cacauicultores, fossem eles produtores e/ou exportadores de cacau, “filhos da terra” e/ou os “desbravadores”. Eles exerceram o seu domínio explorando as terras e um contingente significativo de trabalhadores construindo um espaço de poder e auto-imagem de seu grupo.

Os cacauicultores submetiam estes trabalhadores à moradias improvisadas na parte inferior das barcaças<sup>5</sup>, nestas eles não podiam cozinhar “para que o cheiro da comida não impregnasse nas amêndoas e com isso prejudicasse a qualidade”. Estes trabalhadores ainda deveriam comprar alimentos nos barracões, espécies de vendas, estabelecidas nas próprias propriedades, que “eram famosos por oferecerem produtos de péssima qualidade e a preços acima daqueles cobrados no mercado regional”, essas vendas eram controladas pelos cacauicultores que tinham o intuito de “prender” os trabalhadores nas propriedades, pois estes com os baixos salários que recebiam não conseguiam quitar os débitos nos barracões (LINS, 2007, p. 60).

O sul da Bahia ganha contorno de região, nesta pesquisa, quando se percebe as relações sociais, pois a problemática central são as vivências e experiências<sup>6</sup> presentes

---

<sup>5</sup> Segundo Lins barcaça era “uma superfície de madeira suspensa do chão por colunas e paredes onde o cacau é colocado para secagem, e dispunha de um telhado, geralmente de zinco que se desloca através de trilhos para proteger o cacau de eventuais chuvas. (2007, p. 60.)

<sup>6</sup> “O conceito de experiência abre novas perspectivas para investigar novos agentes sociais que por muito tempo a historiografia nacional negligenciou” (PRIORI, 1994, p. 184).

nas memórias dos trabalhadores rurais da zona cacauzeira que migraram para a cidade de Itabuna, “o sujeito na história regional é o homem na sua prática social e não o espaço quanto delimitação geográfica” (NEVES, 2002, p. 57).

As vivências dos trabalhadores rurais muitas vezes se distanciam e outras vezes se enlaçam quando analisadas a memória individual destes sujeitos nos processos migratórios. A pesquisa destaca a existência de dois grupos entre os migrantes entrevistados, aqueles que eram pequenos produtores e outros que trabalhavam em grandes propriedades. No primeiro destaca-se seu José Raimundo, 61 anos, e seu João, 58 anos, ambos migraram da zona rural do município de Ilhéus, do distrito denominado Japu, onde eram trabalhadores rurais em roças de suas famílias, e na cidade de Itabuna aprenderam a profissão de mecânico. O segundo grupo, destacam-se dona Gessilia, 61 anos, e seu Talmon, 74 anos, trabalhadores rurais que migraram respectivamente de Buerarema e Ferradas<sup>7</sup> para Itabuna.

As narrativas destes depoentes tornaram necessária a especificação acima, pois o trabalho nas zonas cacauzeiras quando visto por diferentes sujeitos, compreende significados distintos. Conforme Raphael Samuel as fontes orais possibilita ao historiador focar na “experiência real da vida das pessoas” (1990, p. 232), dessa forma podemos analisar “o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam” (HOBBSAWM, 2000, p. 21). Os depoimentos citados abaixo foram narrados quando os entrevistados retrataram seu cotidiano nas lavouras cacauzeiras, são as narrativas de seu Talmon e dona Gessília, respectivamente:

(...) cê sabe quem trabalha na roça a vida é horrível, não tem condição nenhuma (...) quando você trabalha em fazenda a propriedade é do outro, não é sua, a propriedade é do outro (...) sua vida é mixuruca (SANTOS, 2009)

agente trabalhava pros outros, era capinando, era limpando cacau (...) trabalhava em chuva, sol, não tinha hora pra me ir, não tinha hora pra voltar, tivi meus filho tudo em fazenda (SOUZA, 2009)

O primeiro depoimento remete a insatisfação de trabalhar em uma terra que não lhe pertencia. Seu Talmon repetiu a expressão “propriedade é do outro” na intenção de enfatizar as relações de poder que permeavam o trabalho nas lavouras de cacau, assim

---

<sup>7</sup> No período da migração Ferradas era zona rural do município de Itabuna, hoje compõe um bairro.

“as relações de trabalho não eram dadas, mas cotidianamente pensadas e objetivadas como prática social, no contexto de todo um modo de vida e de luta” (SANTANA, 1998, p. 44).

O segundo depoente retrata o cotidiano difícil dos lavradores rurais, as expressões “sol”, “chuva”, “hora pra ir”, “hora pra voltar”, assume temporalidades deste trabalho que na visão de dona Gessilia era constante, colocando o trabalho nas lavouras no centro do seu cotidiano. Wellington Castellucci evidencia a inexistência da separação entre trabalho e vida cotidiana nas vivências de trabalhadores que convivem com as determinações da natureza (2007, p.93), assim percebemos a relação intrínseca entre trabalho e vivência no cotidiano dos trabalhadores das lavouras cacaueiras.

Ambos depoentes relacionam o trabalho nas fazendas de cacau com a sua própria vida. Ao afirmar que “na roça a vida é horrível (...) vida é mixuruca”, seu Talmon expressa através destes adjetivos seu sentimento em torno do cotidiano na roça, quando diz que não tinha “condição nenhuma” ele transmite não só as necessidades de sobrevivência (alimentação, vestuário, lazer), mas também condição de estudar, adquirir outros conhecimentos que fossem além do labor na roça de cacau, ele queria projetar um futuro além do trabalho nas “roças dos outros”. Seu Talmon não se adaptou, ou se conformou aquela realidade de subordinação, e ao mesmo tempo projetou seu futuro reelaborando experiências e expectativas (ALMEIDA, 2005, p. 144).

Dona Gessilia também constrói a relação trabalho-vida em sua narrativa: “tívi meus filho tudo em fazenda”. Quando fala do contexto da lavoura cacaueira, ela introduz o nascimento dos seus filhos neste processo. Para ela foram acontecimentos importantes que marcaram sua história, pois no meio da entrevista quando expressava sua vida nas propriedades rurais ela recorda que dois dos seus filhos já faleceram, olha melancolicamente para sua neta que se encontra em seus braços durante o depoimento, e fala sobre a morte recente da mãe desta criança, sua filha.

Alessandro Porteli ressalta a importância de compreender a linguagem do corpo que não fica registrada na gravação, mas na memória do entrevistador, pois “uma performance se transforma em um texto” (2001, p. 24). Segundo Janaína Amado o historiador necessita perceber a dimensão simbólica da entrevista para “rastrear as

trajetórias inconscientes das lembranças (...) compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tem” (1995, p. 135).

Seu João que possuía uma pequena propriedade rural junto a sua família lembra com tranquilidade o tempo da lavoura: “Agente plantava de tudo menina, cacau, café, arroz, feijão, milho, de tudo, agente plantava de tudo (...) lá agente tinha de tudo” (SILVA, 2009).

Esta fala traduz um tempo de “fartura”, no qual seu João destaca o advérbio “tudo” várias vezes no sentido de enfatizar uma “sensação de se viver bem (...) de ter certa facilidade em satisfazer às necessidades de alimentação” (SANTANA, 1998, p. 38). Segundo Charles Santana esta sensação e satisfação empreendem significados ao adjetivo “fartura”. Percebemos a construção de uma narrativa carregada de temporalidades e significados, quando o depoente rememora o “tempo” da roça constrói um “tempo de fartura” em sua narrativa.

Yara Khoury destaca a relação mútua entre o tempo das narrativas e a memória: “A fala oral está sempre impregnada de memória. Nas conversas estamos em contato direto com os modos com as pessoas costumam significar o passado, marcar e usar tempo” (2005, p. 128). A memória de seu João sobre o trabalho na roça, não constituiu um tempo de dificuldade, mas um tempo de “fartura”.

Seu Raimundo, no entanto, não recorda este tempo com saudosismo, mesmo possuindo uma condição social semelhante à de seu João, pois também era pequeno proprietário: “roça só a passeio (...) eu vi que a roça não dava, não tinha possibilidade, fui aprender a profissão pra sobreviver” (SANTOS, 2009). Esta narrativa retrata sua migração para cidade, na qual ele esperava aprender outro ofício, pretendia ser mecânico, ter mais “possibilidade”, a roça na sua perspectiva limitava seus horizontes e assim não dava para “sobreviver”.

Khoury evidencia a importância das narrativas na compreensão das vivências, pois no ato de narrar às pessoas expressam suas próprias interpretações, a partir de seu próprio ponto de vista (2005, p. 128). Segundo Michael de Pollack “a memória é um fenômeno construído” (1992, p. 204), no qual as pessoas organizam os acontecimentos e significados, excluindo, lembrando, de forma consciente ou inconsciente. Assim

quando seu Raimundo reconstrói o “tempo” da roça, expondo sua memória ele o expressa como uma época de poucas oportunidades, na qual ele não encontrava aquela “possibilidade” que desejava.

As percepções de uma vida na roça se diferem quando cruzamos os depoimentos de seu João e seu Raimundo. Este último mesmo sendo pequeno produtor não via na roça o “tempo de fartura” expressado por seu João, o trabalho na roça, segundo seu Raimundo não lhe possibilitava alternativas de se tornar mecânico, que era o seu principal objetivo quando foi para a cidade de Itabuna. Neste contexto é válido ressaltar a condição da cidade de Itabuna como entroncamento comercial, na qual perpassa a BR 101 com grande movimento de automóveis, talvez este fato tenha alguma relação com o desejo de seu Raimundo em ser mecânico?

### III- As perspectivas e as trajetórias dos migrantes

*Minha vida na roça era ótimo, mas só que a roça foi enfraquecendo e aí agente procurou a cidade (...) agente teve que procurar outras melhora (SILVA, 2009)*

O depoimento acima de seu João retrata sua migração para a cidade de Itabuna, “enfraquecendo” na sua perspectiva era os efeitos da crise cacauieira que começava a se delinear na década de 1980. Seu João expõe em seu depoimento estes efeitos na pequena propriedade da sua família: “a roça foi acabando, a doença matando o cacau todo, não dava pra ficar os filho tudo num pedacinho de roça (...) mas ainda tem gente morando lá, mas eu só vou a passeio” (SILVA, 2009).

É importante ressaltar que a percepção da crise nesta narrativa é a de um pequeno produtor que mantinha a terra sob uma agricultura familiar, a roça pertencia ao pai de seu João e ele deixa claro que além da doença, vassoura-de-bruxa, a produção não possibilitava a sobrevivência de toda família, que foi aumentando quando ele e os irmãos constituíram outros núcleos familiares: “se a roça fosse maior e desse pra agente produzir, agente vivia lá, mas não deu fazer o quê? Tem que ficar por aqui mesmo” (SILVA, 2009).

Segundo Paulo Almeida o depoente constrói sua fala “articulando uma relação presente/passado/futuro, na qual as expectativas e as narrativas se confundem entre o

que era, como foi e a crença no que pode ser diferente” (2005, p. 147). O “tempo” de fartura não sobreviveu a crise cacauceira, assim seu João lembra um “tempo” de dificuldade para os pequenos proprietários rurais, esse “tempo” é o da migração, no qual seu João expõe o seu desejo de ir para a cidade.

Em outro fragmento de seu depoimento seu João reelabora suas expectativas deixando claro que só voltaria para a zona rural se tivesse sua própria propriedade: “trabalhar pros outros em roça não, a não ser pra mim mesmo, né, pra mim mesmo eu quero” (SILVA, 2009). Ao que parece o desejo agora não é de permanecer na cidade, mas pelo contrário retornar ao campo, porém devido as condições do tamanho da propriedade e da impossibilidade de possuir sua própria terra seu João continua na cidade de Itabuna.

A trajetória de seu Talmon se diferencia dos demais depoentes, pois ele chegou à cidade de Itabuna na década de 1960, o que evidencia uma migração anterior a crise cacauceira do período de 1980, ele buscava uma possibilidade de inovar suas perspectivas de vida: “Eu vim realmente pra ver se eu melhorava de vida, eu não tinha expectativa nenhuma” (SANTOS, 2009). Seu Talmon ressaltou a vida difícil daqueles que trabalhavam em grandes lavouras cacauceiras, situação demonstrada em depoimentos citados na seção anterior.

Nesta narrativa a expectativa vai além da sobrevivência, seu Talmon, aspirou na cidade de Itabuna novos conhecimentos e posteriormente um reconhecimento profissional. Para João Souza a migração muitas vezes representa a “projeção de uma vida melhor, da expectativa de superação das dificuldades enfrentadas (...) de solução para as situações-limite enfrentadas” (1995, p. 34) por aqueles que deixaram seus locais de origem em busca de uma vida melhor, como seu Talmon.

Em Itabuna ele conseguiu um trabalho na CEPLAC, (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacauceira), mas especificamente na área de botânica, onde aprendeu a identificar a flora da mata atlântica: “aí eu entrei na CEPLAC, trabalhando no campo, aí comecei a minha vida, fui melhorando os meus conhecimentos” (SANTOS, 2009). Narrativa que relaciona sua entrada na CEPLAC com o começo de sua vida, revelando que sua vivência nas lavouras cacauceiras não representava uma *vida*, para ele a vida se

inicia quando há uma perspectiva de futuro, fruto dos seus novos conhecimentos: “foi aí que eu comecei a minha vida, porque eu não tive condição de estudar, por causa do trabalho pesado, trabalhava dia e noite, mas também comecei a desenvolver minha mente nessa aérea da botânica” (SANTOS, 2009). Depoimento que também revela a intrínseca relação do trabalho-vida presente na memória dos migrantes.

Durante a entrevista por várias vezes perguntei como era sua vida nas roças de cacau, ele respondia a qualificando com adjetivos negativos e logo em seguida mudava de assunto, começava falar do seu trabalho na CEPLAC. Seu Talmon não estava interessado em falar do “tempo” da roça, mas do “tempo” da cidade, no qual ele adquiriu um emprego, uma casa própria para abrigar sua família, e acima de tudo ampliou seus conhecimentos. Peter Burke evidencia a seletividade da memória: “as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas” (2000, p. 73), assim porque seu Talmon privilegiou o “tempo” da cidade e negligenciou o “tempo” roça em seu depoimento?

Dos seus conhecimentos ele falou com orgulho, mesmo sem adquirir uma educação formal ele descobriu uma nova planta junto aos pesquisadores botânicos da CEPLAC, e durante seu depoimento ele fez questão de mostrar seus certificados e prêmios expostos na parede da sua casa referentes ao seu trabalho nesta instituição e a sua descoberta: “só existe uma planta no mundo, em todo território, na CEPLAC, fui eu que descobrir (...) eu fiz como analfabeto” (SANTOS, 2009).

Este depoimento retrata o objetivo de reconhecimento, para seu Talmon migrar para Itabuna proporcionou não só a possibilidade de driblar o domínio dos cacauicultores, mas uma ampliação de perspectivas. Almeida destaca as visões que os migrantes da zona rural constroem sobre a cidade, muitas vezes ela representa uma esperança diante uma realidade de possibilidades esgotadas (2005, p. 150). Assim na memória de seu Talmon Itabuna representa uma alternativa de sobrevivência.

Seu Gilberto não teve a mesma *sorte* de seu Talmon, migrante da cidade de Itajuípe, localizada também na região sul da Bahia, onde sua família possuía uma pequena propriedade rural, atualmente com 33 anos de idade, ele chegou a Itabuna ainda criança, acompanhado da sua família na década de 1980. Depois de prestar

diversos serviços, carpinteiro, zelador, pintor, hoje ele está desempregado, mas quando se refere a um possível retorno a zona rural ele ressalta que só voltaria caso possuísse sua própria terra: “pra mim comprar, sendo minha mesmo, pra mim trabalhar pra mim mesmo, você trabalhar pros outros não presta não cê é doido, agente tem que trabalhar pra agente, sendo no meu nome, aí eu resolvo minha vida né” (SENA, 2009).

Os pronomes possessivos demonstram o desejo de ter uma propriedade rural, onde ele tivesse autonomia, mas retrata também uma lembrança dolorosa, uma vez que seu pai perdeu as terras que a família possuía, seu Gilberto não soube explicar como acontecerá, porém sua narrativa foi carregada de remoço e desconsolo, evidenciando sua inconformidade com a perda ainda presente em sua memória. Conforme Alistair Thonson as pessoas buscam administrar os desejos frustrados, perdas e fraquezas, na sua vida cotidiana selecionando e excluindo estes sentimentos para evitar momentos dolorosos, e os atos de narrar por vezes camuflam essas recordações, mas pequenos detalhes das entrevistas podem revelar reminiscências deste passado mal resolvido (1997, p. 58).

O desejo de seu Gilberto representava os sonhos de muitos trabalhadores das lavouras cacauceiras, fosse pra “fugir” da subordinação dos cacauicultores, fosse para conquistar melhores condições de vida e de trabalho, as quais nas grandes propriedades eram precárias. “A relação da exploração é mais que uma soma de injustiças e antagonismos mútuos (...) estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder” (THOMPSON, 1987, p. 28).

As memórias dos migrantes estão carregadas de temporalidades, as quais durante as entrevistas não apareceram em uma ordem cronológica, mas expressaram significados relacionados com a trajetória de cada depoente. Estas memórias individuais se entrelaçaram nos diferentes marcos temporais: o “tempo da roça”, “o tempo da migração”, e o “tempo da cidade”.

As trajetórias dos migrantes evidenciaram dois grupos distintos aqueles que possuíam uma pequena propriedade e trabalhavam com uma agricultura familiar, e outros que trabalhavam em grandes propriedades, estes últimos sofreram de perto a exploração dos cacauicultores, e as marcas desta dominação ainda estão presentes nas

memórias destes migrantes. Assim o “tempo da roça” tem significados diferentes nas memórias destes sujeitos, enquanto seu João lembra um “tempo de fartura”, seu Raimundo também pequeno produtor recorda um “tempo” de poucas possibilidades, pelo menos na roça ele não encontrava a oportunidade de se tornar mecânico, seu sonho ao migrar para Itabuna.

Aqueles que conviveram com a dominação dos cacauicultores rememoram o “tempo da migração” como uma oportunidade de melhorar de vida, seu Talmon expressa este desejo no seu depoimento, no qual ele privilegia o “tempo” da cidade responsável pela ampliação de conhecimentos, assim migrar pra ele foi uma busca por melhorias, não só na alimentação, habitação, mas também na construção de outros horizontes. Ao mesmo passo que ele negligencia o “tempo” da roça, se recusando relembrar as dificuldades enfrentadas naquela época.

As fontes orais também levantaram uma possível migração de trabalhadores da lavoura cacaueteira anterior a esta crise, o quê demonstra as percepções da cidade como espaço para realizar suas projeções de uma vida melhor. Assim as trajetórias dos sujeitos históricos destes processos não podem ser reduzidas ao contexto da crise cacaueteira, nem a modelos homogêneos. Apesar de seu João relacionar o “tempo” da migração com a crise cacaueteira, mas o narrou dentro de uma perspectiva de pequeno produtor, o quê talvez indique um aumento da acumulação latifundiária em detrimento a uma diminuição das pequenas propriedades.

Nenhum dos entrevistados apresentou um desejo de retornar para a zona rural com o intuito de trabalhar em propriedades para outrem, só voltariam se tivessem condições de possuir sua própria “terra”. Desejo que revela uma insubordinação destes trabalhadores que ainda visualizavam na cidade de Itabuna uma forma de escapar do domínio dos cacauicultores. E também demonstra o desejo ainda presente na memória dos migrantes de conseguir seu próprio “pedacinho de chão”.

O estudo identificou uma permanência destes migrantes no bairro periférico Pedro Jerônimo, talvez por causa dos baixos preços de aluguel e até mesmo de terrenos, pois este bairro foi fruto de um aforamento de terras. É ainda necessária uma análise de como estes migrantes constituíram suas estratégias para sobreviver na cidade de Itabuna

e como reelaboraram suas expectativas diante dos desejos realizados e/ou das frustrações encontradas.

## Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Encantos e Desencantos da cidade: trajetória, cultura e memória de trabalhadores pobres de Uberlândia – 1970-2000. In: FENELON, Déa Ribeiro; KHOURY, Yara Aun; et.al. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2005.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **História** n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. p. 67-90.

CARVALHO, Philipe Murillo Santana. **Uma cidade em disputa: tensões e conflitos urbanos em Itabuna (1930-1948)**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local). Santo Antonio de Jesus: UNEB, 2009.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. **Pescadores da modernagem: cultura, trabalho e memória em Tairu, BA (1960-1990)**. São Paulo: Anablume, 2007.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?. In: **História e Perspectivas**, Uberlândia, n° 6, Jan/Jun, 1992.

FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: A capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus. Editus, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: \_\_\_\_\_; FENELON, Déa Ribeiro; et.al. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2005.

LINS, Marcelo da Silva. **Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)**; Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social). Salvador: UFBA, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade**. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, 10 dez. 1993, p. 7-28.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História regional e transformação social. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990. \_\_\_\_\_. **Os pobres da cidade**: vida e trabalho – 1880-1920. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

PORTELI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo, 14 fev. 1997.

\_\_\_\_\_. História oral como gênero. In: **Projeto História**, São Paulo, n.22, jun. 2001.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A região cacauera da Bahia**: Uma abordagem fenomenológica. Aracaju, 2006. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe.

PRIORI, Ângelo. História regional e local: métodos e fontes. In: **Pós-história**, Assis – SP: 1994. p. 181-187.

SAMUEL, Raphael. Documentação História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v.9. Nº19, set. 89/fev. 90.

SANTANA, Charles D’Almeida. **Fatura e Ventura Camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações Bahia: 1950-1980. São Paulo: Anablume, 1998.

SANTOS, Milton. **Zona do cacau**: Introdução ao estudo geográfico. Salvador: Artes Gráficas, 1955.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra**. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

SOUSA, Erahsto Felício. **O Conceição em retalhos de cidade, margens e dono**: uma Itabuna-BA nos territórios subalternos (1950-55). Monografia (Graduação em História). Ilhéus, UESC, 2007.

SOUZA, João de Carlos. **Na luta por habitação**: a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão.** V.II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: História oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Desconstruindo a memória: questões sobre as relações da história oral e da recordação. **Projeto História**, São Paulo abr. 1997, p. 51-85.

\_\_\_\_\_. Os debates sobre história e memória: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

### **Depoimentos**

SANTOS, Talmon Soares. *Depoimento concedido a Priscila Santos da Glória.* Itabuna-Ba: 2009.

SANTOS, José Raimundo de Jesus. *Depoimento concedido a Priscila Santos da Glória.* Itabuna-Ba: 2009.

SENA, Gilberto. *Depoimento concedido a Priscila Santos da Glória.* Itabuna-Ba: 2009.

SILVA, João. *Depoimento concedido a Priscila Santos da Glória.* Itabuna-Ba: 2009.

SOUZA, Gessília. *Depoimento concedido a Priscila Santos da Glória.* Itabuna-Ba: 2009.